

CINCO TEMAS DO DESESPERO

Plínio Cabral

(I — SEM OBJETIVO)

Quando se sabe que além do horizonte já não há mistérios, a caminhada torna-se difícil. E o homem fica sem destino. Desaparece a sua inquietação — e ele começa a morrer no tédio do dia-a-dia.

Algo deve animá-lo — para que Ele não pare. Algo além do horizonte, para que Ele possa continuar buscando. Porque o Homem é um buscador.

Ele procura, na terra e nos céus, qualquer coisa que perdeu num passado distante. E quando Ele já não tem mais o que buscar começa a morrer. Sem objetivo, o Homem não anda. Sua vida amesquinha-se. E Ele fina-se, lentamente, terrivelmente. Morre “por dentro”.

Algo deve animá-lo — para que Ele não pare. Porque se o Homem pára — perece.

Na sua longa jornada, o Homem sempre buscou algo ideal — a Justiça perfeita, o amor mais puro. E nessa caminhada tornou-se maior.

Quando todos os horizontes já estavam desbravados, os velhos critérios começaram a falir. Mas o homem não parou. Foi além. E resolveu conquistar o infinito, alcançar as estrélas e transformar em realidade o sonho dos poetas. O Homem vai morar nos espaços siderais, lá onde milhões de estrélas iluminam nossas noites. Os que ficam, ficam a sentir a vida pequena, estreita, limitada, mesquinha, a repetir-se dia-a-dia na rotina que torna tôdas as faces iguais.

O Homem necessita horizontes largos para prosseguir em sua caminhada — como Ser, ou como individualidade. Quando Ele perde a perspectiva de um destino, mesmo limitado, deixa de viver. Viceja, humilhando-se ante si próprio incapaz de construir seus sonhos, escravo das convenções, escravo do dia-a-dia. Mergulha no trabalho, esfalfa-se num cansaço inútil — porque está tentando enganar-se, procurando fazer do mesquinho a razão de ser de sua vida. E quando se dá conta, a

própria vida já passou — e é impossível o retôrno, impossível o começo.

Vagando, sem destino, sem rumo, sem objetivo, o Homem perde tôda a sua grandeza intrínseca e mergulha no nada das satisfações diárias. E tudo aquilo para o qual existe desabafa na animalidade de satisfações para a própria sobrevivência.

O homem sem objetivo deixa de ser Homem.

(II — A SOLIDÃO)

A solidão não é um estado físico.

É um “estado espiritual”.

O Homem propõe-se objetivos. E às vêzes não consegue alcançá-los — seja por insuficiência própria, seja porque sonhou alto demais, seja porque as circunstâncias não o permitiram.

Então o homem vai se sentindo cada vez mais só.

Ele busca refúgio em muitas coisas, em muitos fatos e atos.

Às vêzes ele degenera e perde a essência de seu próprio ser.

Interessante é que quanto mais só Ele se sente, mais só Ele fica. A solidão aumenta geomêtricamente, na medida em que o seu mundo interior contrai-se. Sente a inutilidade de tudo, de todo e de si próprio. Compreende que seus atos pouco ou nada alteram o contexto da vida. Perde a noção do tempo e perde a alegria das pequenas coisas. Tudo fica formal e, portanto, absurdo. Nada mais tem sentido. E a vida, então, arrasta-se numa monotonia infinda, na qual as pessoas tôdas têm sempre a mesma face. Porque nada é mais igual ao ser humano do que outro ser humano.

Na solidão falta sempre a palavra amiga. O gesto animador. O sorriso encorajador. É que o Homem, quando só, afasta-se tanto que não pode mais ver tais gestos. E mesmo, êles, depois de certo ponto, já não têm mais sentido. Não alteram nada e não significam coisa alguma.

O homem solitário pode ser um bom companheiro e um grande amigo. Pode até integrar-se perfeitamente no contexto social. Mas o seu mundo interior será, sempre, um abismo insondável.

É difícil compreendê-lo. Ele carrega a tristeza de muitos séculos. Às vêzes é poeta. Mas ninguém pode compreender sua poesia. E se fizesse música, ao invés da harmonia divina, os sons lhe sairiam cavos e quase ininteligíveis.

O Homem Só não tem amor. Pode amar a todos e não amar, especificamente, a ninguém. A morte é quase sua noiva, com a qual êle flerta constantemente e a quem espera como a libertação que êle mesmo não compreende.

Ninguém ama o solitário. Porque para amá-lo seria necessário uma abdicação muito grande.

(III — A MORTE DA ALMA)

A morte é terrível.

Com ela desaparece tudo. É a negação total.

“Os mortos permanecem jovens”. Porque eles param no tempo. É uma parada definitiva. Os mortos não envelhecem. Aquêlê minuto fatal é a sua eternidade. Ficarão assim para todo o sempre: com a mesma face, o mesmo sorriso, a mesma lágrima, o mesmo gesto. Vivem na nossa memória tal como eram num preciso instante, num momento exato. E ali ficam. Eternamente.

Pior do que isto é a morte interior. Eu diria a morte da alma, se os crentes perdoam, a heresia. Porque a alma também morre. Ela vai secando pouco a pouco, lentamente. Fenece.

Ao contrário da morte física, ninguém vê quando uma alma começa a morrer. É um drama lento, crucial e terrível.

A morte da alma é feita de mil mortes.

Morrem primeiro as ilusões.

Depois morrem as grandes esperanças. Seguem-se as pequenas, o que se espera no dia-a-dia.

Por fim, morre o amor. E com êle a própria fé.

A alma, então morta, vaga num corpo vivo — sem objetivo e sem destino.

Não deixa saudades. Dela ninguém se recorda, porque ela não tem face. E por isto não pode, como os mortos, permanecer jovem na eternidade das recordações.

Sem requiems e sem funerais, sem flôres e sem coroas, a alma que morre não tem sequer um túmulo a marcar sua passagem pela terra.

Seu túmulo é um corpo — que anda, que fala, que ri. Mas que está vazio. Terrivelmente vazio e sem ter, sequer, o sentido da própria existência.

... e ninguém chora a alma que morre.

Ninguém.

Porque ela morre só — na solidão absoluta de seu próprio nada.

(IV — A VELHICE)

Já disseram que a “idade é um estado de espírito”.

Isto significa que um velho pode ser moço. E vice-versa.

A velhice chega num momento determinado. Num dia, numa hora, ou num minuto. É a soma de tudo que se pretendeu fazer e não se fêz.

De repente o homem se dá conta de que o tempo se foi. Olha o passado e vê que não fêz nada. Adiou todos os projetos e assim se pultou todos os sonhos. O que não poderia ser feito hoje, provavelmente seria feito amanhã... Saiu, então, em busca do seu prato de lentilhas — e perdeu-se no dia-a-dia, na luta para sobreviver.

Depois, em dado momento, parou. E olhou para trás. Viu, então, que sua jornada fôra longa, mas muito curto o caminho percorrido. Marcara passo, perdera o fio da meada de sua própria existência. E vê, apavorado, que já não pode mais recomeçar. Estão fechadas as portas de sua própria existência. Os sonhos já não existem mais. E já não adianta sonhar.

...vem um nôvo dia. E êle deve partir — partir em busca do seu prato de lentilhas, porque sua vida foi se resumindo na luta para continuar vivo. É um sobrevivente da própria existência.

Nesse momento preciso, sente que a velhice chegou e a morte se aproxima. O tempo já não importa. Os dias hão de suceder-se numa exasperada monotonia — um igual ao outro, até que as próprias horas fundam-se num tempo único sem divisões e sem calendário. Porque nada mais importa.

O amor poderia salvá-lo. Mas o amor é feito de sonhos. E êle, envelhecido, já não sonha mais.

A cada nôvo dia retoma sua jornada. Será uma jornada igual a tôdas as suas jornadas — sai em busca de seu prato de lentilhas...

Sua idade não importa.

Envelheceu porque não pôde tornar realidade seus sonhos. E porque, também, já não pode mais sonhar.

Caminhou muito. Mas andou em círculos. Não chegou a parte alguma. Perdeu-se na mediocridade do dia-a-dia.

E agora, ao concluir que nada mais importa, compreende também que chegou a sua hora: a hora da velhice.

(V — RETORNO)

Há momentos em que o Homem quer retornar.

Êle não sabe bem para ondê. Mas quer voltar a um ponto vago que ficou perdido num passado distante. Talvez ao primeiro beijo, ao primeiro amor. Ou, quem sabe, à infância perdida, ao sonho vago que o fazia herói de mil batalhas.

O retôrno é sempre uma tragédia. Porque nêle não se encontra, nunca, a luz perdida na encruzilhada do caminho que ficou.

Retorna a Casa, e ela é diferente. As velhas ruas mudaram e aquilo que nos parecia belo é, agora, grosseiro e tedioso. O pássaro que se perseguia já não canta mais e as próprias árvores têm outra coloração. As flôres não têm o mesmo perfume e a mulher que se amou

já não existe. O beijo sonhado não volta e quando volta tem outro sabor.

Há sempre, em cada coração, essa vontade de retornar — e recommear.

Mas nunca se retorna ao mesmo ponto e nunca se recomeça a mesma vida. O “ponto” será outro, terá mudado. E a vida também. No mesmo rio não corre sempre a mesma água.

É por isto que o Homem não pode retornar. Tal como a pedra que se atira ou a palavra que se profere, a caminhada percorrida é irreversível.

Resta, pois, a melancolia — êsse vago sentimento de que algo está faltando, de que a vida seria completa se pudéssemos retornar no tempo e agarrar com as próprias mãos aquêlo estranho fiozinho que ficou no passado.

Tudo isso é impossível. E o retôrno às cenas que ficaram na lembrança, aumenta a melancolia e a solidão.

O que passou — passou... E o caminho que se deixou de percorrer ficará para sempre como a angustia das coisas não realizadas e que nunca mais se realizarão.